

Brasil pede a bancos credores mais US\$

Dívida ext.

terça-feira, 26/9/89

1º caderno 13

2,5 bilhões

Deborah Berlinck

NOVA IORQUE — O governo brasileiro apresentou um pacote de "propostas alternativas" aos bancos privados, em que pede um novo empréstimo de US\$ 2,5 bilhões a US\$ 4 bilhões para cobrir o déficit da balança de pagamentos no final do ano. O pedido de novos recursos, que o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, negou oficialmente que existisse, foi apresentado por ele como "sugestão" aos banqueiros, numa lista que inclui ainda as seguintes propostas: capitalização dos US\$ 1,6 bilhão de juros atrasados vencidos este mês (e não pagos); emissão de bônus de saída; conversão de juros em projetos de privatização; e repasse de parte dos juros em projetos do governo.

Os banqueiros — americanos, japoneses e europeus — ficaram de pensar no assunto e dar um resposta na próxima rodada de negociações. As "sugestões", como uma fonte ligada aos negociadores brasileiros classificou, foram apresentadas na semana passada pelo ministro Mailson e o negociador da dívida, Sérgio Amaral, durante encon-

tro em Washington e Nova Iorque com representantes dos bancos credores. O Brasil chegou a considerar a idéia de propor um reescalonamento dos US\$ 1,6 bilhão de juros atrasados, mas descartou a hipótese ao chegar à conclusão que isto não resolveria a crise; adiaria o problema (para o próximo governo) e ainda acrescentaria mais ao pesado bolo da dívida.

A quantia que os bancos teriam que desembolsar em dinheiro novo, segundo a proposta apresentada aos bancos, dependeria do fechamento ou não de um acordo com o FMI: se algum dinheiro sair até o final do ano das instituições multilaterais, os banqueiros não precisarão emprestar US\$ 4 bilhões, mas sim US\$ 2 bilhões. Segundo a fonte, nas conversas de nível técnico com o comitê assessor dos bancos, as propostas foram recebidas com pouco entusiasmo, mas no nível da presidência dos grandes bancos, assunto ficou, pelo menos, em aberto, para as próximas conversas...

A proposta aos banqueiros foi feita num momento em os negociadores brasileiros deslancharam uma ofensiva po-

lítica no FMI para que o acordo saia mais rápido, preferivelmente antes das eleições presidenciais. E que sem o acordo com o FMI, os bancos não liberam a terceira parcela de US\$ 600 milhões do acordo de US\$ 5,2 bilhões fechado em julho de 1988 com o comitê dos bancos. Nos encontros com o FMI e o governo americano, os negociadores brasileiros estão exaustivamente insistindo na tese de que o Brasil, como aconteceu no caso da Argentina, não pode deixar a bomba estourar no próximo governo, sob o risco de provocar confusão política. O argumento é o mesmo apresentado ontem pelo presidente José Sarney ao presidente Bush, durante encontro em Nova Iorque: o de que é preciso uma coincidência dos ciclos financeiros com os ciclos do processo democrático." Está chegando a hora de passar o bastão (sucessão presidencial) e é aí que, se não tivermos ajuda, o bastão pode cair", disse a fonte, acrescentando que, nas estatísticas dos negociadores brasileiros, por enquanto, existe 50% de chances de o acordo com o FMI sair — antes de novembro.